

Laudato Si e a Ecologia Integral. Um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja

Afonso Murad*

Resumo:

Com a encíclica *Laudato Si*, Francisco inaugura uma nova etapa na Doutrina Social da Igreja, em perfeita continuidade com seus antecessores. Ele apresenta uma ecologia integral, que articula as dimensões ambiental, econômica, política, social, cultural e da vida cotidiana. Relaciona-a com o clássico princípio do Bem-comum e estende-a para a justiça intergeracional. A encíclica estabelece um profícuo diálogo com a ecologia, nas suas vertentes de ciências ambientais, ética transformadora e paradigma. A partir da Bíblia e do exemplo de Francisco de Assis, a encíclica fornece elementos contemporâneos para a ecoespiritualidade e a educação para a sustentabilidade. Conclama a uma “conversão ecológica”, que se traduz em atitudes individuais, práticas coletivas e políticas institucionais, vividas simultaneamente.

Palavras-chave: Laudato Si, Papa Francisco, Ecologia Integral, Ecoteologia, Doutrina Social da Igreja.

* Religioso Marista. Pedagogo, especialista em Gestão e Doutor em Teologia. Prof. FAJE (Faculdade Jesuíta – Belo Horizonte Brazil). E-mail: amurad@marista.edu.br



Laudato Si and Integral Ecology. A new chapter of the Social Doctrine of the Church

Summary:

With the encyclical *Laudato Si*, Francis inaugurates a new stage in the Social Doctrine of the Church, in perfect continuity with his predecessors. It represents an integral ecology which articulates the environmental, economic, political, social, and cultural dimensions of everyday life. This deals with the classic principle of common good and extends it to intergenerational justice. The encyclical establishes a fruitful dialogue with ecology in regard to the environmental sciences, transformative and archetypical ethics. With the Bible as its point of departure and with the example of Francis of Assisi, the encyclical provides contemporary elements to eco-spirituality and education for sustainability. It calls for an “ecological conversion”, which translates to individual attitudes, collective practices and institutional policies, experienced simultaneously.

470

Key words: *Laudato Si*, Pope Francis, ecology, Eco-theology, the Social Doctrine of the Church



INTRODUÇÃO

O papa Francisco ofereceu ao mundo um documento extraordinário, que extrapola a adjetivação de “encíclica verde”. A *Laudato Si*, marco necessário neste momento histórico da humanidade, realiza o intento de “nos ajudar a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente”: cuidar da casa comum, a Terra (LS 15)¹. Dirige-se não somente aos católicos, e sim a cada pessoa que habita neste planeta (LS 3). Conclama a unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral (LS 13).

Com a colaboração de amplo e diversificado grupo de assessores, Francisco assim organizou a encíclica: Introdução; (1) O que está acontecendo na nossa casa comum; (2) Como a Bíblia ilumina o compromisso com o cuidado do planeta; (3) Raízes humanas da crise socioambiental: o paradigma tecnocêntrico e o antropocentrismo despótico; (4) Caminhos de solução: uma ecologia integral (ambiental, econômica, social e da vida cotidiana); (5) Linhas de orientação e ação: diálogo, políticas nacionais e internacionais; (6) Educação para a aliança da humanidade com o ambiente e cultivo da espiritualidade ecológica, marcada pela conversão e novas atitudes. Conclui-se com duas orações, dirigidas respectivamente a homens de mulheres de várias religiões e aos cristãos (LS 246).

¹ Este artigo se baseia em dois trabalhos sobre “Ecologia Integral na *Laudato Si*”, apresentados respectivamente no *Congresso Internacional da SOTER* (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) em Belo Horizonte (Brasil) e no *Congresso Internacional de Teología* promovido pela *Universidad Javeriana*, ambos em 2016.



Alguns eixos perpassam toda a encíclica, como: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica às formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a crítica à cultura do descartê, a proposta dum novo estilo de vida a partir da nossa fé (Cf. LS 16).

Das muitas formas de apresentar a originalidade dessa Encíclica, que é parte integrante da Doutrina Social da Igreja (LS 15). Escolhemos aqui a chave da “Ecologia Integral”, pois ela se relaciona com outros temas da *Laudato Si* e amplia os horizontes da Igreja e da sociedade. Inicialmente, vejamos o que Francisco compreende como “Ecologia Integral”, no capítulo que leva este título.

1. O CAPÍTULO IV DA LAUDATO SI: UMA ECOLOGIA INTEGRAL

A Ecologia integral abarca: ecologia ambiental, econômica e social (LS 138-142), ecologia cultural (LS 143-146) e ecologia da vida cotidiana (LS 147-155). Relaciona-se com o Bem Comum, clássico princípio da Doutrina Social da Igreja, e a opção preferencial pelos pobres (LS 156-158). Inclui ainda um princípio emergente consensual: a *justiça intergeracional*, compromisso para com as futuras gerações (LS 159-162).

Destacaremos alguns pontos desse capítulo, que são fundamentais para o diálogo com a sociedade contemporânea; de uma “Igreja em saída” que acompanha a humanidade em seus processos significativos (EG 20,24).

- a) *Ecologia ambiental, econômica e social*: Tudo está interligado (LS 138). O todo é maior que a soma das partes (LS 141). Consideramos não somente cada ser em particular, e sim o ecossistema, o conjunto de organismos que convivem em determinado espaço (LS 140). Há uma única e complexa crise socioambiental. Assim, a abordagem integral ao mesmo tempo devolve a dignidade aos excluídos e cuida da natureza (LS 139).

A ecologia exige avaliar os modelos vigentes de desenvolvimento, produção e consumo (LS 138). O crescimento econômico deve incluir a proteção do meio ambiente, pois há uma interação entre os ecossistemas e as comunidades humanas. (LS 141). Já a ecologia social compreende a atuação das instituições, pequenas ou grandes, que atuam visando a melhoria no ambiente e na qualidade da vida humana (LS 142).

- b) *Ecologia cultural*: A ecologia inclui o cuidado das riquezas culturais da humanidade. Pede atenção às realidades locais e a valorização da linguagem popular. Pois a cultura compreende não só os monumentos do passado. Tem sentido vivo, dinâmico e participativo (LS 143).

A visão consumista tende a nivelar por baixo as culturas e a desvalorizar sua variedade. Devemos lutar pelos direitos dos povos e das realidades locais, contra a imposição da cultura única, gerada pela economia globalizada (LS 144). O desaparecimento de uma cultura é tão grave quanto o de uma espécie. A Igreja assume a defesa das culturas indígenas, que em várias partes do mundo são ameaçadas por grandes projetos agropecuários e de mineração (LS 146).

- c) *Ecologia da vida cotidiana*: O autêntico progresso produz melhoria global na qualidade de vida humana (LS 147). Os pobres desenvolvem uma ecologia humana, em meio a muitas limitações ambientais, como as péssimas condições de moradia. Criam uma rede de comunhão e pertença (LS 148). No entanto, a pobreza extrema em ambientes desumanos facilita a perda das raízes, a proliferação de organizações criminosas e a violência. Mesmo assim, as pessoas são capazes de superar estas situações e fazer uma experiência comunitária (LS 149).

O acesso à habitação (ter uma moradia) é questão central da ecologia urbana (LS 152). A qualidade de vida nas cidades também está relacionada com o transporte público. Deve-se reverter o tratamento indigno aos usuários, devido a superlotação, desconforto, reduzida frequência dos serviços e inse-



gurança (LS 153). A vida caótica das cidades e a falta de serviços essenciais no campo contrasta com a dignidade do ser humano (LS 154).

A boa planificação urbana integra vários saberes, busca a qualidade de vida, harmonia com o ambiente, o encontro e a ajuda mútua das pessoas. Considera o ponto de vista da população (LS 150). Cuide-se dos espaços comuns e das estruturas urbanas, visando melhorar o sentimento de “estar em casa” dentro da cidade, que nos envolve e une (LS 151). São encantadoras as cidades que, já no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, e favorecem o reconhecimento do outro (LS 152). É essencial para a ecologia humana aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados (LS 155).

d) *O princípio do bem comum*: A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, princípio central e unificador na ética social cristã (LS 156). O bem comum exige respeito aos direitos humanos fundamentais e a promoção da paz social (LS 157). Num contexto mundial de tantas desigualdades sociais e pessoas descartadas, a opção preferencial pelos pobres é essencial para a efetiva realização do bem comum (LS 158).

e) *A justiça intergeracional*: A busca do bem comum inclui a preocupação com as gerações futuras. É uma questão essencial de justiça. A terra que recebemos pertence também àqueles que não de vir (LS 159). Que tipo de mundo deixaremos às crianças que estão crescendo? A nossa própria dignidade está em jogo. Somos nós os primeiros interessados em oferecer um planeta habitável para a humanidade que nos vai suceder (LS 160).

O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou as possibilidades do planeta. O estilo de vida atual – insustentável – desembocará em catástrofes no presente e no futuro. Temos que fazer algo! (LS 161).

Devemos alargar o horizonte de nossas preocupações. Sejam atentos às gerações futuras e também aos pobres de hoje, que poucos anos têm para viver nesta terra e não podem continuar a esperar (LS 162).

Em síntese, o capítulo IV da *Laudato Si*, acerca da *Ecologia Integral*, descortina um horizonte articulado, extenso e desafiador. Confirma que o cuidado com a Casa Comum não é somente uma questão ambiental. A ecologia constitui um mosaico vivo. As pedras principais são a manutenção do ciclo da vida no planeta e a justiça social. A elas se associam as culturas vivas dos povos e a qualidade de vida humana, especialmente no crescente contexto da cultura urbana. Tudo isso tem estreitos laços com a questão central da Doutrina Social da Igreja: *o Bem Comum*. Por fim, tal busca se estende para além de situações imediatas, pois exige a solidariedade intergeracional.

2. POR QUE “INTEGRAL”?

A semântica de “integral”

O adjetivo “integral”, nas nossas línguas latinas comporta uma constelação de significados, intimamente relacionados. No âmbito da saúde, “integral” se aplica aos alimentos completos, inteiros, nos quais não submetidos a processos químicos para retirar fibras, nutrientes ou mesmo gordura. Significa então: inteiro, saudável, completo, que possui todos os componentes iniciais, mantendo suas propriedades originais. No campo da produção literária ou artística (como um livro, um filme ou uma peça de teatro), se diz “integral” daquela obra inteira, que não sofreu redução, censura ou mutilação. No contexto da discussão de ideias, se diz que uma visão integral é aquela que reúne diferentes elementos, não justapostos ou em paralelo, e sim de maneira articulada. Respeita os distintos componentes e apresenta os pontos de vista contrários. Toma posição, mas sempre considera “o outro lado da questão”.

No âmbito ético, o adjetivo “íntegro” traduz a postura da pessoa sincera, transparente, que mantém suas convicções, não se



deixa levar pela corrupção ou qualquer outro tipo de assédio do mal. Já o verbo *integrar* deriva do latim *integrare*, que quer dizer: ato ou efeito tornar inteiro o que está separado, fragmentado ou dividido. Pode significar ainda: aglutinar, unir, juntar, compor. Tem um sentido pessoal ineludível. Cada ser humano precisa integrar suas tendências, seus desejos e pulsões, em vista da maturidade. Superar as diversas formas de fragmentação.

Na língua portuguesa, o verbo pronominal “integrar-se a” significa: passar a fazer parte de uma coletividade; sentir-se membro de determinado grupo. Ou ainda, ligar-se ao coletivo, de modo a constituir um conjunto coerente e harmônico.

Portanto, o adjetivo “integral”, como os termos próximos “integrar”, “integrar-se”, “íntegro” e “integrado” apresentam essa gama de significações: completo, inteiro, saudável, eticamente bom, comunitário, plural e aglutinador. Opõe-se ao que é parcial, restrito, unidimensional e eticamente deficiente.

Para evitar uma compreensão idealizada e totalitária, sustenta-se que a qualificação de “integral” considera tanto o processo quanto os resultados. Por isso, exige o diálogo e a construção coletiva. Consiste em equilíbrio dinâmico, belo e frágil, propício à constante (auto)superação. Assim, o integral é inteiro, mas sem pretensão de ser total. Avalia-se, reconstrói-se. Incorpora e integra, sem destruir ou negar as tensões contextuais. Mantém a singularidade dos elementos que a constituem, embora acentue a interdependência entre eles.

O “integral” na ecologia

Muitas pessoas identificam “ecologia” com “preservação da natureza” ou “zelar pelo verde”. Tal compreensão tem duas limitações. O empenho ecológico não se limita a manter intacta as florestas, os manguezais e outras áreas de conservação. E sim, trata de estabelecer processos sustentáveis, que respeitem os ciclos de matéria e energia no planeta. Além disso, a ecologia não diz respeito somente à natureza, compreendida numa visão idealizada

e fora de nós. A grande novidade da ecologia contemporânea é a interdependência. Nós, humanos, estamos em constante relação, entre nós mesmos e com os ecossistemas, comunidades de vida do planeta. Fazemos parte da Terra, mas ao mesmo tempo somos diferentes dos outros seres.

Ecologia não é sinônimo de natureza estática, e sim de busca por um planeta habitável para nós e os outros seres. Devido à crescente concentração de pessoas nas cidades e ao aumento da exclusão social, ganha importância a ecologia urbana, que diz respeito à qualidade da existência humana e de seu meio, especialmente para os mais pobres. Neste sentido, Francisco afirma:

Dado que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial, proponho que nos detenhamos agora a refletir sobre os diferentes elementos duma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais (LS 137).

O adjetivo “integral”, incorporado à “ecologia” na *Laudato Si*, traduz o esforço constante de pensar e atuar de maneira articulada, e não segmentada, para o bem da humanidade e da biosfera.

A ecologia integral não se restringe ao ambiental, primeira dimensão que lhe deu origem. Implica pensar o ser humano em suas múltiplas relações, incluindo o âmbito econômico, que diz respeito à extração, produção, consumo e descarte de produtos (e serviços).

A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige (..) discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência duma sociedade, e (..) por em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Tudo está interligado. (..) Assim como os vários componentes do planeta — físicos, químicos e biológicos — estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualar e compreender (LS 138).



A ecologia integral recusa a pretensão de totalidade do conhecimento - que origina os totalitarismos - e reconhece humildemente sua provisoriedade. Pois “os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade (LS 138)”. Assim, propõe-se uma forma de elaborar e transmitir o conhecimento que reúna vários saberes, superando assim a visão analítica e monofocal de cada ciência.

A ecologia busca ser *integral* enquanto estreita os laços do ambiental com o social. Considera o meio ambiente por inteiro, incluindo o humano. “Quando falamos de *meio ambiente*, fazemos referência também à relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos (LS 139)”.

A qualificação de “integral” compreende também a maneira de abordar os problemas e encontrar as melhores soluções para a humanidade e o planeta. Ou seja, conjuga teoria e prática, no único e complexo âmbito socioambiental. Diz o Papa:

É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (LS 139).

A pós-modernidade ocasionou o rompimento da ética com a estética, dando primazia à primeira. De um lado, a modernidade se caracterizou pela crescente utilização da razão instrumental, provocando um “desencanto” em relação aos seres não humanos. Esses foram reduzidos a coisas, a “recursos” (hídricos, minerais, energéticos), utilizados a bel prazer da humanidade. Coisificados, perderam sua alteridade e força simbólica. E a beleza real da natureza e das pessoas foi encoberta ou substituída por diversos recursos paisa-

gísticos e “cosméticos”. De outro lado, a estética se tornou a grande arma de sedução para o consumo. A aparência, o simulacro, tomou o lugar do real.

Ora, a ecologia integral propõe o reencontro da estética com a ética. A palavra “beleza” ou termo correlato aparece 32 vezes no documento². Em vários pontos da *Laudato Si*, Francisco chama a atenção para a beleza dos ecossistemas e de cada ser, para suscitar o encantamento e o respeito. Devemos nos aproximar da natureza e do meio ambiente com esta abertura para a admiração e o encanto, e deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo (LS 11). Se isso não acontece:

(..) então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude (LS 11).

O encantamento diante da beleza não diz respeito somente ao mundo criado por Deus. Bela também é a criação humana. A tecnologia nos fascina e deve ser utilizada para o bem. O belo não se reduz ao estético. Eleva-se a ponto de se tornar correlato do “eticamente bom”. Revela também aspectos inusitados do humano, quando se abre à transcendência.

A tecnociência, bem orientada, pode produzir coisas realmente valiosas para melhorar a qualidade de vida do ser humano (...) É capaz também de produzir coisas belas e fazer o ser humano, imerso no mundo material, dar o «salto» para o âmbito da beleza. Poder-se-á negar a beleza de um avião ou de alguns arranha-céus? Há obras pictóricas e musicais de valor, obtidas com o recurso aos novos instrumentos

² Explicitarei este tema no artigo: “Contemplar la belleza, garantizar la casa común. Una llamada a la vida consagrada en *Laudato Si*”. *Revista CLAR*, a. LIV, nº 4 (Oct-Dic, 2016), pp. 44-57.



técnicos. Assim, no desejo de beleza do artífice e em quem contempla esta beleza dá-se o salto para uma certa plenitude propriamente humana (LS 103).

A união da ética com a estética ajuda a superar a visão utilitarista, que reduziu os seres a meros objetos. A ecologia integral resgata assim esse precioso valor para a humanidade. Pois “não se deve descurar a relação que existe entre uma educação estética apropriada e a preservação de um ambiente sadio. Prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista” (LS 215).

Francisco dialoga com a visão contemporânea da física, que sustenta que os processos de evolução do cosmos não terminaram e constituem sistemas abertos. Aí também ele exercita este *olhar encantado*. Mostra que a visão integral da ecologia dá conta de articular os avanços da ciência com uma fé adulta.

Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inumeráveis formas de relação e participação. Isto leva-nos também a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite-nos interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece (LS 79).

Por fim, a ecologia é integral, pois compromete, ao mesmo tempo, indivíduos, grupos, movimentos sociais, povos e nações e religiões. Cada um e todos são chamados a *integrar-se* nesta causa fascinante. Conjugam-se múltiplas abordagens, levando em conta não somente a ciência, mas também a sabedoria dos povos e o patrimônio espiritual das religiões.

(Dada a) complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, as soluções não vem de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Se quisermos construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos

destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria (LS 63).

Portanto, para Francisco o qualificativo “integral” da ecologia comporta uma constelação de significados distintos e complementares, tais como: inteireza, articulação sem reduzir as diferenças, união da estética com a ética, diálogo da fé com a ciência, abrangência de múltiplos fatores (ambiental, econômico, social, cultural), unificação da perspectiva ambiental com a social, superação do pragmatismo utilitarista, simultaneidade de ações pessoais e coletivas, e uma espiritualidade unificadora.

3. CONCEITO PLURAL DE ECOLOGIA NA LAUDATO SI

“Ecologia” é um conceito abrangente e plural. Trata-se de um “pluriverso” que abarca ao menos três componentes interdependentes: ciência, prática ético-social e paradigma. Todos eles são considerados na *Laudato Si*.

Ecologia: uma Ciência

Enquanto *ciência*, a ecologia surgiu da biologia. Inicialmente, era compreendida como o estudo dos seres vivos em relação com o seu habitat. Daí evoluiu para estudar as condições de existência dos seres bióticos e as interações entre estes e o seu meio. Segundo F. Capra (2003), *a ecologia é o estudo de como a Terra funciona, ou seja, as relações que interligam todos os moradores da nossa Casa Comum*³, os seres abióticos (solo, água, ar, energia do sol) e bióticos (microorganismos, plantas, animais e humanos. Portanto, a ciência da interdependência.

O objeto da ecologia são as redes de relações dos ecossistemas. Ela estuda a bela, complexa e frágil teia da vida que constitui o nosso planeta, enquanto biosfera. Assim, a ecologia não é “um saber sobre

³ Cf. F. CAPRA, “Educação”, in A. TRIGUEIRO (org.), *Meio Ambiente no século XXI*, Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 20.



a natureza”, e sim a ciência acerca da *relação* entre todos os seres, para tornar possível a continuidade da vida na Terra. Enquanto ciência, a ecologia se torna cada vez mais importante, ao pesquisar acerca do impacto da ação humana no planeta. Tal impacto se torna tão grande, que autores como Paul Crutzen afirmam que entramos na era geológica do “antropoceno”.

A ecologia não consiste em um saber ilustrativo, especulativo ou meramente conservacionista (embora inclua este aspecto), pois aponta para questões práticas e operacionais, relacionadas à gestão responsável dos bens disponíveis e a continuidade das “comunidades de vida” do planeta.

A *Laudato Si* assume a visão de ecologia como *ciência da interdependência*, amplamente aceito na comunidade científica. Repete-se, como um refrão: “tudo está interligado” (LS 16, 91,117,138, 240). Tal perspectiva liga-se à *consciência planetária*. Ou seja: cada vez mais o mundo se torna uno, para além das fronteiras geográficas, étnicas ou políticas. Os problemas são globais e as soluções também. As ações locais e regionais ganham importância, num contexto crescente de colaboração mútua e busca de alternativas comuns.

Desde meados do século passado e superando muitas dificuldades, foi-se consolidando a tendência de conceber o planeta como pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum. Um mundo interdependente não significa unicamente compreender que as consequências danosas dos estilos de vida, produção e consumo afetam a todos, mas principalmente procurar que as soluções sejam propostas a partir duma perspectiva global e não apenas para defesa dos interesses de alguns países. A interdependência obriga-nos a pensar num único mundo, num projeto comum (..) (LS 164).

Ecologia como ética da sustentabilidade

Enquanto *ética e prática social*, a ecologia abarca um amplo movimento constituído por cidadãos comuns, ambientalistas,

ONGs, grupos religiosos, pesquisadores e empreendedores. Eles se unem pelo bem do planeta. O movimento ecológico organiza-se como uma rede em torno a causas comuns, de diferentes amplitudes. Desde a ação local pela defesa de um rio, da biodiversidade de determinado bioma ou da mobilidade urbana, até os protocolos intergovernamentais de abrangência mundial.

A ecologia não propõe uma ética abstrata, restrita a conselhos generalizados. Um de seus elementos originais reside na simultaneidade de atitudes individuais, ações comunitárias e políticas institucionais em âmbito local, regional, nacional e planetário.

Como formar, especialmente as novas gerações, visando manter o planeta habitável? Com uma *educação ambiental*, com processos que visam criar nova mentalidade e posturas do ser humano com a nossa “casa comum”. Essa visa a mudança de percepção do mundo⁴ e dos valores que orientam a humanidade. Reflete sobre o sentido da atuação humana no ecossistema. Educação ambiental não se limita a transmitir informações sobre o meio ambiente, pois também apura a sensibilidade e faz maturar hábitos (cf. LS 211). Confere poder à comunidade local como protagonista de mudança⁵. Ajuda a criar uma cidadania ecológica.

Conforme a *Laudato Si*, a educação ambiental se torna crítica e construtiva, ética e espiritual. Ela tende a incluir a crítica aos «mitos» da modernidade baseados na razão instrumental, “a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus”. Assim, pode dar o salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais

⁴ G. FREIRE DIAS, *Ecopercepção*, São Paulo: Gaia, 2003, 63 pp.

⁵ A primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em Tbilisi (Geórgia, 1977), estabeleceu como finalidade da Educação Ambiental: promover a compreensão sobre a existência humana e a interdependência econômica, social, política e ecológica; possibilitar aquisição de conhecimentos, sentido dos valores, interesse ativo e atitudes para proteger e melhorar o meio ambiente; e impulsionar novas formas de conduta a respeito do meio ambiente.



profundo (LS 210). Em suma, uma “educação ecológica” penetrada pela ecoespiritualidade⁶.

O Paradigma ecológico

Leonardo Boff afirma que a singularidade da ecologia reside na transversalidade, isto é, “relacionar pelos lados (comunidade ecológica), para a frente (futuro), para trás (passado) e para dentro (complexidade) todas as experiências e todas as formas de compreensão como complementares e úteis no conhecimento do universo, na funcionalidade dentro dele e na solidariedade cósmica”⁷. Hoje a ecologia se configura como um macro modelo de compreensão do ser humano e de sua relação com os outros seres, denominado “paradigma” por Thomas Kuhn. Ajuda assim a superar os equívocos da globalização do modelo tecnocrático (LS 106-109), apontado pelo Papa no capítulo III da *Laudato Si* como “a raiz da crise ecológica”. Não nos deteremos aqui na análise deste tema⁸. Apontaremos somente como a ecologia integral, entendida como um modelo de compreensão da interdependência e da relação, enfrenta tal “paradigma homogêneo e unidimensional” (LS 87), relacionado ao antropocentrismo moderno, despótico (LS 68) e desordenado (LS 69, 118, 119, 122).

A visão ecológica do ser humano corrige e aperfeiçoa o antropocentrismo. Aí reside uma contribuição singular da Laudato Si para o debate contemporâneo sobre este tema candente. Para o papa, não se trata de substituir o antropocentrismo despótico e desordenado por um biocentrismo radical (LS 118). E sim, reencontrar o nosso lugar no mundo numa nova forma de nos relacionar com as criaturas, inspirado Francisco de Assis (LS 10-12). O planeta não é um conjunto de recursos naturais à nossa disposição. Temos com ela

⁶ Ver: Frei BETTO, *A espiritualidade proposta pela encíclica Louvado Sejas* in: Cuidar da Casa Comum, op. cit, pp. 157-168; M.C.L. BINGEMER, *Louvor, responsabilidade e cuidado. Premissas de uma espiritualidade ecológica* in: Cuidar da Casa Comum, op. cit., pp. 158-181.

⁷ L. BOFF, *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*, Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 25.

⁸ Ver: M.A. OLIVEIRA, *O paradigma tecnocrático* in: Cuidar da Casa Comum, São Paulo: Paulinas, 2016, pp. 129-145.

uma relação de pertença profunda: “a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços (LS 1)”. Nós mesmos somos a Terra (LS 2). Aprendemos de Francisco de Assis que “são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior” (LS 10). Mais ainda, testemunha que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano (LS 11). Podemos dizer que a Laudato Si se soma a um movimento planetário, que assume a ecologia como nova racionalidade para salvaguardar a vida na Terra⁹. Parâmetro para a ética, a política e a economia. Redescoberta de um estilo de vida saudável, equilibrado, feliz e solidário.

Doutrina e Espiritualidade que iluminam o paradigma ecológico

O capítulo II da Encíclica, intitulado “O evangelho da Criação” fornece chaves bíblico-teológicas concisas e consistentes para a doutrina cristã e a espiritualidade, em perspectiva ecológica. Destacamos aqui alguns pontos, sem pretender exaurir o conteúdo deste texto iluminador.

- Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Os relatos da criação nos mostram que há uma reciprocidade responsável do ser humano com a natureza (LS 67).
- Nas narrações simbólicas de Gen 1 -2 transparece que tudo está inter-relacionado. O cuidado da nossa própria vida e das relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros (LS 70).
- A criação ainda não acabou. Deus está presente no mais íntimo de cada ser e nos processos da história. O Espírito de Deus encheu o universo de potencialidades que permitem brotar algo novo (LS 80).

⁹ Ver: M. MAÇANEIRO, *A ecologia como parâmetro para a ética, a política e a economia. Um novo capítulo do Ensino Social da Igreja*, in: *Cuidar da Casa Comum*, op. cit., pp. 73-89.



- Nós e todos os seres do universo estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, comunhão que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde (LS 89).
- Jesus vive em harmonia com o ecossistema. Não é um pessimista separado do mundo ou inimigo das coisas boas da vida. Convida os outros a estar atentos à beleza que existe no mundo (LS 97-98).
- As criaturas deste mundo não são uma realidade meramente natural, porque o Ressuscitado as envolve e guia para a plenitude. As próprias flores do campo e as aves que Ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, agora estão cheias da sua presença luminosa (LS 100).

Assim, o ser humano está no centro, junto com os outros seres, em busca de comunhão. É filho(a) da Terra, a própria Terra em sua expressão de consciência, de liberdade e de amor. O destino do ser humano está associado ao destino do cosmos. Por isso, devemos cuidar da nossa Casa Comum, da qual fazemos parte.

A *conversão ecológica* repercute no coração e na prática do cristão, de forma a deixar emergir, nas relações com o mundo que o rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Pois “viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa” (LS 217). A partir do exemplo de São Francisco, o papa propõe “uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa. Isto exige também reconhecer os próprios erros (...) arrepende-se de coração, mudar a partir de dentro” (LS 218).

4. SIMULTANEIDADE DE ATITUDES INDIVIDUAIS E PRÁTICAS COLETIVAS

A *Laudato Si*, como um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja, propõe a simultaneidade de atitudes e ações, em todos os níveis. Aqui reside mais um aspeto original e inconfundível. Ao

situar-se como uma ética integral, supera os extremos tanto do subjetivismo quanto das macrovisões que subestimam os indivíduos e as realidades locais. Vejamos alguns tópicos, a título de exemplo.

- a) *Atitudes individuais.* A *Laudato Si* dedica muitos parágrafos a este tema, ressaltando que a conversão ecológica exige uma forma diferente de cada pessoa ver o mundo e a mudança no estilo de vida (LS 206). Somam-se pequenas ações diárias, de grande valor (cf. LS 211). Pois “uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (LS 230).

Uma atitude essencial tem a ver com o padrão de consumo e a postura de vida. Segundo o Papa, a espiritualidade cristã nos leva a viver com o necessário e se alegrar com pouco. Regressa à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece. Sem nos apegarmos ao que temos nem ficar tristes por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres (LS 222).

A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. As pessoas que saboreiam mais, e vivem melhor cada momento, são aquelas que deixam de petiscar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas (LS 223).

Assim, “uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia” (LS 225).

- b) *Ações comunitárias* são aquelas empreendidas por grupos cidadãos e organizações. Exigem discussão, busca de consenso e



mobilização, com impacto na sociedade. Francisco reconhece, com gratidão, que o movimento ecológico mundial já percorreu um longo caminho, enriquecido pelo esforço de muitas organizações da sociedade civil (LS 166). Elas são essenciais, pois para se resolver a situação tão complexa do mundo atual, não basta que cada um seja melhor. Os indivíduos isolados podem perder a capacidade e a liberdade de vencer a lógica da razão instrumental, e assim sucumbir a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental (cf. LS 219). Por isso,

(..) aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes (..) Será necessária uma união de forças e uma unidade de contribuições. A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária (LS 219).

Papa Francisco, de maneira clara e incisiva, aponta o imprescindível papel dos movimentos socioambientais: “o movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na consciencialização” (LS 14). Somente a pressão da população e das suas instituições leva os governos a dar as respostas necessárias à crise socioambiental (LS 181).

As ações comunitárias não se limitam a um mero “fazer coisas”. Elas implicam o cultivo das relações inter-humanas saudáveis, em busca do bem. “É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos” (LS 229).

- c) *Políticas institucionais* traduzem a orientação de organizações privadas, governamentais e intergovernamentais, traduzidas em termos de leis, normas, procedimentos e processos. Certas políticas institucionais gestadas em organismos internacionais estabelecem consensos planetários. Assim, forçam as empresas e os governos nacionais a adotarem medidas para

mitigar os impactos negativos sobre a Terra, e estimular os positivos. Por exemplo, os protocolos em torno da biodiversidade, da desertificação, das florestas e do clima.

O papa Francisco dedica o Capítulo V à política, delineando o que ele denomina “grandes *percurso*s de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde estamos afundando” (LS 163). O cuidado com o planeta exige políticas públicas e uma governança global!

A palavra-chave, presente em cada sessão deste capítulo, é clara: *diálogo* sobre o meio ambiente na política internacional (LS 164-175), *diálogo* para novas políticas nacionais e locais (LS 176-181), *diálogo* e transparência nos processos decisórios que envolvem empreendimentos de alto impacto ambiental (LS 182-188), política e economia *em diálogo* a serviço da vida (LS 189-198), diálogo das religiões entre si e com as ciência (LS 199-201). Desta forma, pode-se afirmar que a ecologia integral é necessariamente dialogal. “A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade” (LS 201).

5. A TÍTULO DE CONCLUSÃO: BALANÇO E PERSPECTIVAS

Com a *Laudato Si*, à luz da fé Francisco abre caminhos inusitados para a humanidade. Sem dúvida, é um *novo capítulo* da Doutrina Social da Igreja. Destacamos aqui alguns pontos significativos.

- a) A *Laudato Si* se alinha perfeitamente com o caminhar do Ensino Social da Igreja¹⁰, desde a sua origem na *Rerum Novarum*, de Leão XIII, em 1891. Tomemos um exemplo. A pri-

¹⁰ Cf. C. JOSAPHAT, *Laudato Si na perspectiva da Doutrina Social da Igreja* in: J. D. PASSOS (org.), *Diálogos no interior da Casa Comum*. São Paulo: Paulus, 2016, pp. 25-49; A. BRIGHENTI, *A evolução do conceito de Ecologia no Ensino Social da Igreja* in: *Cuidar da Casa Comum*, op. cit, pp. 52-64.



meira encíclica da Doutrina Social apresenta o tema do “Bem Comum” como chave para compreender a função do Estado e da propriedade privada (RN 18,28,30). Tal perspectiva é atualizada na *Populorum Progressio*, de Paulo VI. Ele relaciona o Bem Comum com o verdadeiro progresso, a justiça social e o empenho pela paz (PP 21,24,31,38,76). João Paulo II, na Centésimus Annus, retoma o tema do Bem Comum (CA 6,11,1314, 34,43,47,48,51,52,58). Insiste que o mercado, tanto no âmbito de cada país, como a nível internacional, deve ser regulado pelo Bem Comum. Também Bento XVI, na *Caritas in Veritate*, trata do Bem Comum (CV 6,7,21,36,38,41,55,57,67,71,73,76, 78). Ele enfatiza que dois princípios são “requeridos especialmente pelo compromisso em prol do desenvolvimento numa sociedade em vias de globalização: a justiça e o bem comum (CV 6), e os associa à caridade, compreendida em perspectiva social (CV 7).

- b) Papa Francisco, em continuidade com os seus antecessores, dá um passo além. Faz questão de integrar o tema da Ecologia com o da dignidade do trabalho (LS 124-129), tão bem explicitado por João Paulo II na *Laborem Exercens*. Ele associa o bem comum a “um desenvolvimento humano sustentável e integral” (LS 18). Mostra que o clima é um bem comum (LS 23). Afirma que “a ecologia humana é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social” (LS 156). Exemplifica que os transgênicos (Organismos Modificados Geneticamente) podem impactar no *bem comum* da humanidade e da biosfera (LS 135), no presente e no futuro. E proclama de maneira enfática: “Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres” (LS 158). Então, Francisco amplia a compreensão sobre o Bem Comum, relacionando-o intimamente à inclusão social dos pobres e à ecologia

- integral. O bem comum se estende ao conjunto das criaturas que habitam a Terra.
- c) Como um documento situado no tempo e com prioridades necessárias, a *Laudato Si* não abordou todos os aspectos que o tema merece. Vale destacar algumas lacunas, que necessitam ser assumidas na reflexão e na prática da Igreja. A encíclica não faz referência à importância das mulheres no cuidado com o planeta e nem incorpora a originalidade da reflexão ecofeminista. Além disso, Francisco não tratou da contribuição das outras religiões para o cuidado com o planeta. Tal tarefa é imprescindível para a ecoteologia latino-americana, levando em conta não somente as grandes tradições religiosas do oriente, mas também as religiões de matriz indígena e africanas no nosso continente. Por fim, temas emergentes específicos, como a relação dos humanos com os animais na sociedade contemporânea, não contemplados na encíclica, constituem tarefa para a teologia e a pastoral.
- d) A *Laudato Si* assume grande parte da terminologia do movimento ecológico e das ciências ambientais, como: interdependência, impacto ambiental, ecossistemas, uso sustentável, capacidade regenerativa, culturas homogeneizadas, ecologia humana, grandes projetos extrativistas, paisagem urbana, tecnociência, antropocentrismo e biocentrismo, solidariedade intergeracional, modelos de desenvolvimento, produção e consumo... Tal opção, além de favorecer o diálogo com pessoas e grupos que não professam a fé cristã, confere um indiscutível grau de respeitabilidade ao documento papal. Mostra ainda que é necessário recorrer às Mediações Hermenêuticas pré-teológicas, como as ciências ambientais, como faz explicitamente a teologia latino-americana. Assim, Francisco faz uma aplicação concreta e bem sucedida da *relação fé e razão*, ou *religião e ciência*. Realiza de forma admirável, o que seus antecessores, João Paulo II e Bento XVI, preconizavam.
- e) Do ponto de vista da linguagem e do método, a *Laudato Si* é um exemplo estimulador para bispos, presbíteros e demais agen-



tes de pastoral. A encíclica parte das fontes bíblicas e delas extrai os princípios normativos. Articula um discurso teológico-pastoral integrador, no qual se somam o uso de conceitos, de linguagem poética e de analogias. Predomina uma comunicação fluente, ao mesmo tempo profunda. Francisco tem um tom pastoral, sem deixar de ser especulativo¹¹. Toca os corações, estimula o pensar e suscita atitudes concretas.

- f) O Papa propõe uma “conversão ecológica” (LS 216-221) que não é a *fuga do mundo*, mas voltar-se para o mundo com os olhos de Deus, visando sua transformação¹². Com essa encíclica ele realiza a proposta do diálogo da Igreja com o mundo, explicitada na *Gaudium et Spes*, do Vaticano II. Coerente com o espírito do concílio, ouve e valoriza muitos interlocutores e compartilha as convicções que emanam da fé cristã.
- g) Sem citá-los explicitamente, Francisco recolhe e legitima vários elementos da reflexão bíblica, da espiritualidade, da ética e da dogmática, elaborados por diversos autores da ecoteologia. Assim, a *Laudato Si* também se torna um exemplo paradigmático da relação madura entre a teologia e o magistério. O Papa não somente ensina, mas também aprende. A encíclica apresenta balizas para a teologia avançar. Oferece parâmetros para questões complexas. Por exemplo, há um longo caminho a trilhar, para superar a polarização entre “antropocentrismo” e “biocentrismo”¹³. Assim, as Igreja locais, em diálogo com o movimento ecológico e os pensadores contemporâneos, ajudarão a encontrar novas sínteses, a partir da *Laudato Si*.
- h) Francisco defende, com clareza inconfundível, que a questão social e a ecológica fazem parte de uma mesma realidade, inti-

¹¹ Ver: J. D. PASSOS, *Aspectos metodológicos da Encíclica Laudato Si* in: Diálogos no interior da Casa Comum, op. cit, pp. 81-93.

¹² L.C. SUSIN, *Conversão Ecológica: “conversão da conversão”* in: Cuidar da Casa Comum, op. cit., pp. 40-51.

¹³ Cf. a visão de J. RIECHMANN, *Un mundo vulnerable*. Ensayos sobre Ecología, ética y tecnociencia. Madrid: Catarata. 2005, pp. 27-33.

mamente interligada. O clamor da Terra e o grito dos pobres constituem um único apelo de Deus, que exige cuidado com a casa comum e novas relações sociais. Eis aí outra contribuição original para a Doutrina Social da Igreja.

Enfim, Francisco nos ensina que o olhar encantado sobre o conjunto da criação nos aproxima de Deus e nos conduz ao seu mistério. O Papa como “servo dos servidores de Deus”, nos estimula à oração de louvor e à ação transformadora. Convoca para o respeito reverente à todas as criaturas e o compromisso pessoal, comunitário e institucional no cuidado de nossa Casa Comum.

O mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor (LS 12).

Caminheemos cantando! Que as nossas lutas e a preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança! Deus nos dá as forças e a luz de que necessitamos para prosseguir (244).

No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Ele não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado! (245).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BÁSICAS

- BOFF, L. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CAPRA, F., “Educação”, in TRIGUEIRO, A. (org.), *Meio Ambiente no século XXI*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- CRUZ, E. R. (org.), *Teologia e ciências naturais. Teologia da criação, Ciências e Tecnologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si. Sobre o cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.



- FREIRE DIAS, G. *Eco percepção*, São Paulo: Gaia, 2003.
- JUNGES, J. R. *(Bio)Ética ambiental*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
- KERBER, G., *O ecológico e a teologia latino-americana*. Porto Alegre: Sulina, 2006
- MOLTMANN, J. *Dios en la creación. Doctrina ecológica de la creación*. Sígueme: Salamanca, 1987.
- MORAES, M. C. *Ecologia dos saberes. Complexidade, transdisciplinaridade e educação*. São Paulo: Antakarana/WHH, 2008.
- MURAD, A. (org). *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016.
- . “Contemplar la belleza, garantizar la casa común. Una llamada a la vida consagrada en Laudato Si”. *Revista CLAR*, a.LIV, nº4 (2016), 44-57.
- MURAD, A; TAVARES, S. (orgs). *Cuidar da Casa Comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- OLIVEIRA, P.A.R.; SOUZA, J.C.A. (Org.). *Consciência planetária e religião: desafios para o século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- PANIKAR, R. *Ecosofia. Para una espiritualidade de la tierra*. Madrid: San Pablo, 1994.
- PASSOS, J. D (org). *Diálogos no interior da Casa Comum. Recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si*. São Paulo: Paulus, 2016.
- RIECHMANN, J. *Un mundo vulnerable. Ensayos sobre ecología, ética y tecnociencia*. Madrid: Catarata, 2 ed., 2005.